

Envolvidos passam por tratamento psicológico

Citados no inquérito dizem que estão em crise financeira e tiveram abalos no relacionamento familiar; filho de casal ainda mostra comportamento agressivo, diz advogada, que pretende processar Estado e imprensa

O casal Saulo e Mara Nunes tem passado por sucessivas crises desde o início das falsas denúncias contra a Escola Base, na Aclimação. Ontem, o Estado manteve contato apenas com seus advogados. "Eles não estão falando mais sobre o caso", advertiu Maria Elisa Munhol. "Mas permanecem inconformados." As mesmas palavras poderiam ser aplicadas a todas as pessoas citadas em março do ano passado, no início do inquérito policial.

Em uma tentativa de "encontrar um rumo", Saulo e Mara fazem tratamento psicológico na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em São Paulo. O acompanhamento só foi garantido a partir da interferência da filha de Maria Elisa, estudante de Psicologia. "Ele é gratuito e não poderia ser de outra maneira", frisou a advogada. "Eles não têm condições de pagar nada."

O casal esteve também próximo da separação. "A pressão era muito grande", lembrou Maria Elisa. As dificuldades do relacionamento só foram superadas com a intermediação dos advogados, que não são remunerados há sete meses. "Tivemos que conversar bastante até a coisa se acalmar."

Hoje, Saulo trabalha com venda de auto-peças. Mara faz bicos para ajudar no orçamento. Atualmente, vende produtos de beleza. As maiores preocupações, porém, estão centradas no filho, com cinco anos. "Ele passou por um momento confuso", acrescentou a advogada, que pretende ainda processar o governo e a imprensa. "Ainda mantém um comportamento bastante agressivo."

No caso de Maurício Alvarenga e Paula Milhim, a separação foi consumada. Paula, há cerca de dois meses, lembrou que ambos já não viviam muito bem. A formação da

escola havia sido até um fator de união, pois incorporava uma chance para eventual melhora nas condições de vida da família. Com o escândalo, seguido pela depredação da casa onde residiam, a vida a dois piorou.

Apelos — Paula considera que perdeu tudo o que tinha. "Minha profissão não posso mais exercer", avaliou a professora. "Tenho que me contentar com outro tipo de trabalho." Até poucos meses atrás, uma dessas possibilidades de emprego acabou sendo numa agência dos Correios. O salário: cerca de R\$ 200,00. Paula e as duas filhas, com

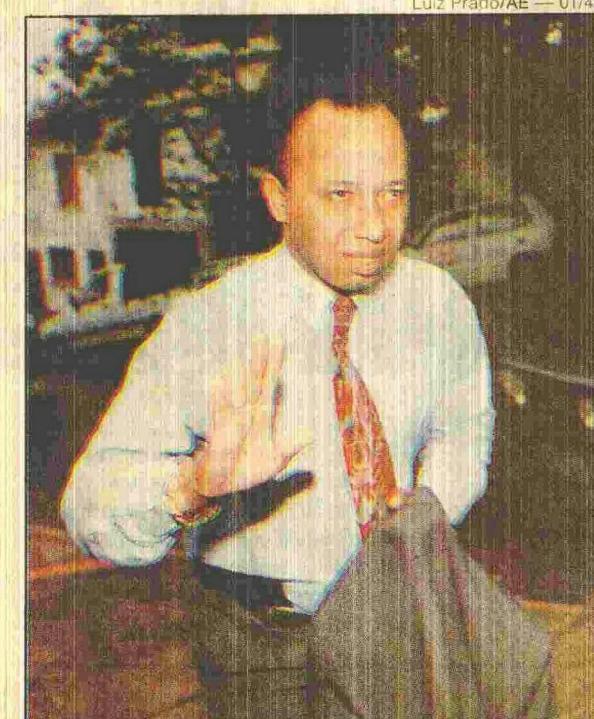
idades de 10 e 11 anos, chegaram a morar na casa de parentes. Desempregada, hoje ela faz apelos para conseguir trabalho.

As duas meninas foram mantidas no colégio em que estudavam graças ao apoio da diretoria da instituição. Em relação a ambas, também são identificados comportamentos anormais antes do episódio da Escola Base. Em alguns momentos, a revolta e a rebeldia são definidos como características das duas meninas. Maurício mudou-se para o Interior.

O comerciante Icushiro Shimada destaca sua situação familiar. Particularmente, a de sua mulher, Maria Aparecida. "Ela não consegue fazer mais nada", resumiu. "Fica em casa o dia todo e, traumatizada, nunca assiste a nenhum programa na televisão." Ele move processo contra o governo.

Todos os envolvidos no caso, tentam hoje sensibilizar a opinião pública e as autoridades. Além de virtuais indenizações eles lutam pela absolvição definitiva.

O delegado Edélio Lemos saiu do 6º Distrito Policial, no Cambuci. Foi transferido para o 78º DP, nos Jardins. Hoje, está no Departamento de Polícia Judiciária da Macro São Paulo (Demacro) e é subordinado ao delegado Gerson Carvalho (C.R.).



O delegado Lemos: trabalho na polícia judiciária

INJUSTIÇADOS

Maurilio Clareto/AE — 4/4/94

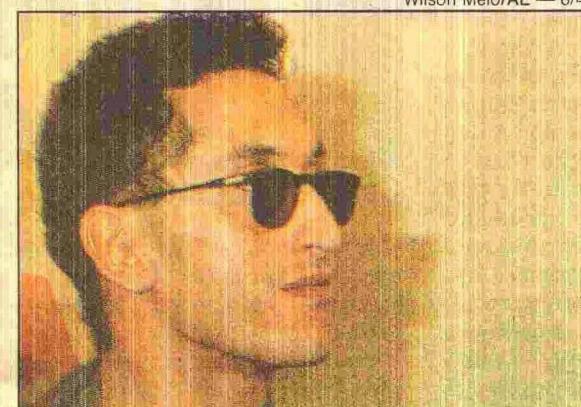


Paula Milhim: Ela se separou do marido, Maurício Alvarenga, depois do escândalo e foi morar na casa da mãe com as duas filhas. Está desempregada

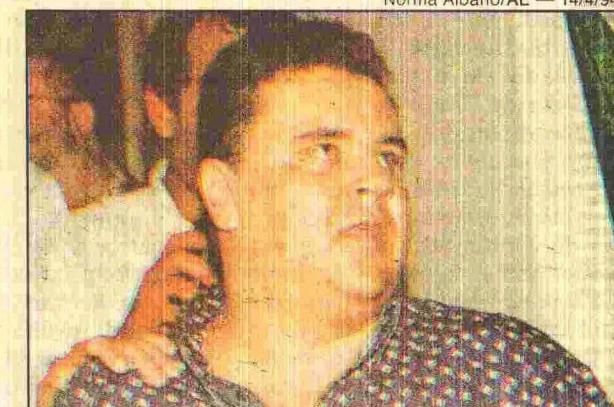
Icushiro Shimada: Move processo contra o Estado. Tem um pequeno comércio no Centro e precisou pagar a reforma da escola após a depredação

Maria Aparecida Shimada: Dona da Escola Base, ela anda desanimada desde o ano passado, fica o dia inteiro em casa e não assiste tevê

Wilson Melo/AE — 6/4/94



Saulo da Costa Nunes: Atualmente trabalha com venda de auto-peças e a mulher, Mara, vende produtos de beleza para ajudar no orçamento. O casal passou por várias crises, pensou até em se separar e agora faz tratamento psicológico gratuito



Maurício Alvarenga: Era o motorista da Kombi que transportava os alunos da escola. Separado de Paula, Maurício vive hoje no Interior. Suas filhas foram mantidas no colégio graças ao apoio da diretoria da instituição

Norma Albano/AE — 14/4/94